

MARIA JOÃO OLIVEIRA E SILVA

**A ESCRITA NA CATEDRAL
A CHANCELARIA EPISCOPAL DO PORTO
NA IDADE MÉDIA**

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

LISBOA 2013

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	9
ABREVIATURAS	15

PARTE I

CAPÍTULO 1 – A CHANCELARIA EPISCOPAL PORTUENSE	19
1. A chancelaria e o chanceler	19
2. A estrutura da chancelaria	22
3. Os documentos da chancelaria	26
CAPÍTULO 2 – OS DOCUMENTOS DA CHANCELARIA	29
1. A génese documental	29
1.1. As etapas da <i>actio</i>	30
1.2. As etapas da <i>conscriptio</i>	35
2. O <i>corpus</i> documental	43
3. Originais e cópias	49
4. A tipologia documental	52
5. As designações coevas	60
CAPÍTULO 3 – OS NOTÁRIOS DA CHANCELARIA	63
1. Os notários “anónimos”	63

2. Os notários identificados	66
3. Os notários da chancelaria: análise global	105
CAPÍTULO 4 – O <i>HABITUS</i> DA CHANCELARIA: O <i>DICTAMEN</i>	113
1. O <i>dictamen</i>	113
2. As fórmulas do protocolo.....	114
2.1. A invocação.....	114
2.2. A subscrição e a intitulação.....	120
2.3. A inscrição ou endereço	126
2.4. A saudação	129
3. As fórmulas do texto.....	132
3.1. A arenga.....	133
3.2. A notificação.....	137
3.3. A exposição.....	140
3.4. A disposição	143
3.5. A sanção	144
4. O escatocolo.....	150
4.1. A corroboração.....	150
4.2. A datação.....	151
5. A validação.....	155
5.1. A quirografia.....	157
5.2. As testemunhas.....	159
5.3. Os selos	160
5.4. As subscrições autógrafas	177
CAPÍTULO 5 – O <i>CENSUAL DO CABIDO</i>	183
1. O Códice.....	184
2. D. Pedro Afonso e a elaboração do <i>Censual</i>	184
3. A estrutura interna e os documentos	188
4. Análise documental.....	193
5. Análise das cópias	195
6. O <i>Censual</i> e a memória da Sé.....	199

PARTE II

CAPÍTULO 6 – ANOTAR, REDIGIR, GUARDAR	203
1. Lugares da escrita: do claustro da Sé à praça da cidade.	203
1.1. Périplos dos notários da Sé.	204
1.2. Périplos dos tabeliães públicos do Porto	208
2. Materiais-suportes de escrita	211
2.1. O pergaminho de “coyro”	211
2.2. O papel	215
2.3. As penas e as tintas.	217
3. “A l’oeuvre on connaît l’artisan”	218
3.1. O formato	218
3.2. A regragem e a mancha gráfica.	221
4. Preservar a mensagem: práticas arquivísticas na Sé do Porto.	224
4.1. O arquivo da catedral: a localização, o mobiliário e o responsável	224
4.2. Práticas arquivísticas na Sé: da Idade Média aos nossos dias	227
CAPÍTULO 7 – DA CAROLINA À(S) GÓTICA(S)	231
1. Da carolina à(s) gótica(s): evolução geral	231
1.1. A letra carolina e a transição para a letra gótica.	231
1.2. A letra gótica.	233
2. A escrita na Sé de 1143 a 1406: evolução gráfica	237
2.1. De 1143 a 1242: 100 anos de escrita na Sé.	237
2.2. De 1242 ao início de 1280: a gótica cursiva <i>fracturada formata</i> e a gótica cursiva <i>fracturada</i>	243
2.3. As décadas de 1280 e 1290: as primeiras influências de escritas internacionais	246
2.4. O século XIV: a multiplicação dos tipos góticos.	248
3. O tabelionado portuense de 1242 a 1406: evolução gráfica	253
3.1. De 1242 a 1270: transição da carolina goticizada para a gótica cursiva <i>fracturada formata</i>	253
3.2. Década de 70: a gótica cursiva <i>fracturada formata</i> e a gótica cursiva <i>fracturada</i>	255